

ESPECIAL - JUNHO DE 2019



NUVENS

EDIÇÃO ESPECIAL PARA A FEIRA DO LIVRO DE LISBOA DO JORNAL HOJE MACAU

hojemacau

corpus nubilum

Desconfia da nuvem, meu amigo, que a nuvem é devaneio que te transporta a miríficos lugares. E, estando tu parado, extasiado, apoucado por tão pouco seres, a nuvem leva-te só porque pensas e imaginas e assim descobriste a tua complexidade.

Nuvens dispersas ou unidas no celeste cobertor. Metáforas finais da efemeridade e da transitoriedade de tudo. Nada existe que não seja como as nuvens.

E se papel, água e seiva se erguessem do solo inscrito, espelho partido de uma escrita por tecer? E se a nuvem plasmasse o movimento interno, à mercê do suono que me alucina?

Donde: como atingir os cristais que nos separam do céu e os trazer a nós, à mesa cava e familiar, não para autópsia, mas para a lição de acariciar a matéria?

Certas religiões fazem da nuvem obstáculo à participação total no céu e a erigem em representação do obstáculo ao conhecimento.

Os olhos obnubilados, a suave tontura, a consciência alterada, não agradam aos sábios do Livro e da Ordem. A nuvem é fuga e punção.

E se fosse a terra um modo movediço, reflexo chão do movimento acima? Como assentar escada na canção? Nuvem feita canção, verso que foge, cão.

O verso que ladra e não morde a substância enorme do que dorme. A escrita informa com pouco sujeito e muita fome. É sexta-feira, ontem como se fosse hoje, que os dias são iguais para quem não dorme. E sofro de carência de nuvens como sofro de insónia.

Sendo que na noite as nuvens sobram na letra, transfigurado gesto obliterado (palavra acanhada) do fim que passa na minha rua.

Volta a nuvem, fica o suono frio na testa. Uma luz em vão protesta no cimo de uma escada. Está sozinha e irritada.

Vê então a nuvem breve e implora a miragem. "Olha para mim", crocica a nuvem, "levanta voo e paira, paira, sê leve. Afinal, basta coragem".

CARLOS MORAIS JOSÉ
JOÃO PAULO COTRIM
cadavre exquis

a formação das nuvens

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Coberta

Se, do plano quieto do espelho de água,

Uma névoa eleva o tapete estendido,

A lua, unida à ondulação do aparecer,

Como um fantasma fantasmas faz,

Então, somos todos, confessemos apenas isto,

Crianças, refrescadas, alegres, oh, Natureza!

Então, eleva-se bem junto à montanha, concentrando-se em toda a sua extensão, contornando ambas as encostas, para, assim, obscurecer, a toda largura,

A meia altura, e, depois, inclina-se para ambos os lados de igual modo,

sem deixar adivinhar se, ao cair, se transforma em água ou, ao subir, em ar.

Pináculo

E, se o hábil conteúdo fosse reclamado para uma atmosfera mais alta,

Permanece a nuvem nas alturas, concentrada no que de mais glorioso existe, —

Proclamado e estabelecido o poder da violência, —

E, o que temeis, de certo, o vivereis,

Tal como lá em cima se fazem ameaças, também aqui em baixo, se estremece com elas.

Caracóis

Contudo, sempre mais e mais alto sobe o nobre anseio!

A salvação é uma compulsão celestial, mais leve.

Algo de empilhado dissolve-se em flocos,

Como ovelhinhas saltitando, mais fáceis de pentear em rebanho.

Assim, voou, por fim, o que, fácil, de baixo, emergiu,

Até junto do Pai, nas alturas, para que, em sossego, lhe fique ao colo.

Chuva

Agora, deixa-se precipitar, atraída pelo

poder telúrico, depois de, nas alturas, se haver aglomerado,

E faz-se jorrar, furiosa, com relâmpagos e trovões,

Como exércitos, espalha-se à deriva! -

Destino em acção da Terra em sofrimento!

Erguei, porém, o vosso olhar para a imagem. -

As palavras que a descrevem decaem;

Mas o espírito anseia por elevar-se até onde permaneça o eterno.

TRADUÇÃO DE ANTÓNIO CASTRO CAEIRO

PEDRO PROENÇA



fenologia e outras histórias

Grécia tão antiga que ainda a Grécia não existia. O mundo, diga-se, era um recente infante, à mercê das vontades dos deuses e dos caprichos das várias manadas de seres. No caso dos humanos, por exemplo, andava por ali, entre outros indivíduos de má catadura, do género de um Sísifo ou de um Tântalo, um tipo chamado Ixion. E Ixion era um mentiroso, um canalha, um assassino. Surpreendentemente, a vida corria-lhe mal. Às tantas decidira queimar o sogro vivo, o que lhe valera a reprovação geral. Desprezado, mendigo, exilado, cliente certo das portas da loucura, de tal modo lhe corria mal a vida que Zeus se apiedou dele e o convidou para jantar no Olimpo. Só que Ixion, enfrascado de néctar e inebriado de luxúria, incapaz de conter a sua natureza amoruda, cedo perdeu a compostura e se enrabichou por Hera e lhe fez propostas indecentes, capazes de fazer corar a mais experimentada das rameiras.

Irada, a rainha dos deuses logo se descoseu a seu marido, narrando-lhe ao pormenor as propostas *calientes* de Ixion. Para surpresa dos convivas, Zeus não se ergueu irado, não invocou o raio e deixou de lado o trovão. Por outras palavras, não esmagou o rato, que daquele modo abstruso o ofendia. Talvez divertido pela audácia do mortal, talvez entediado do Olimpo, preferiu criar um simulacro de sua esposa, utilizando uma nuvem, dando-lhe o nome Fenele. E, sem dar conta da verdade, com esse simulacro passou Ixion uma das noites mais empolgantes da sua miserável vida.

Regressado ao reino dos mortais, o desgraçado não se continha e em todas as tabernas se gabava de ter papado a rainha dos deuses, mesmo nas barbas de seu augusto marido. Quem não estava para mais tolices era o próprio Zeus, que já farto do sujeito, resolveu espetá-lo num raio e pô-lo a rodar sobre o Tártaro. Parece que ainda hoje lá gira. Entretanto, Fenele, a nuvem, engravidara. Da sua noite com Ixion, viriam a nascer os centauros e, muitos séculos mais tarde, a própria fenologia, um saber que, com rigor, afincos e devoção, se dedica ao estudo das nuvens. C.M.J.



Este quadro, "Jupiter e Io", de Correggio, nada tem a ver com isto, a não ser pelo rei dos deuses aqui surgir sob forma de nuvem para possuir a sua amante

a pedra não parte a nuvem

I

Imagina uma pedra que te caiba na mão.

Tu quebras
essa pedra na borda do mundo, separas a
a claridade líquida das manhãs e guardas
numa tigela a gema do entardecer.

Olhas para a pedra em dois partida,
e envergonha-te, claro, essa gula voraz
tanta fome por tão pouco:
raramente sacia
a miséria de um dia aceso
sobre a noite.

Se lhe valesses, à pedra, quem sabe vivesse?

Ampará-la num hálito morno, tomá-la
ao peito (não digo amamentá-la -- as pedras,
já se sabe, não são animais mamíferos)
Mas se a acolhesses numa cama de penas quentes
talvez chocasse, enfim, e renascesse,
um bicar de vida rompendo a casca: e lá dentro
uma pedra com asas piando o coração dos dias. Ou talvez não.

Nem todas as pedras estão galadas
e -- mesmo aquecendo-a ao regaço--
da pedra só pedra apodrecida se faria
vindo ao de cima num púcaro a transbordar de sede.

Não sei qual foi a fome dessa urgência:
sei que tomaste a pedra na mão
a quebraste na tigela do mundo e
coada a luz clara do dia,
saciaste-te, como pudeste,
com a sólida gema do entardecer.

Nunca saberemos
se da pedra nasceria
talvez a perpétua poedeira
lançando pela cloaca da eternidade
os infinitos ovos do dia a dia.

II

Agora imagina uma nuvem. Não essa; aquela nuvem.

Para que a queres? Uma nuvem não nos faz falta
nem é coisa que se afeiçoe à mão.
Ninguém tem precisão de um frangalho húmido
que nem peso tem para se lançar ao charco
do coração.

Bato a porta com o estrondo da realidade:
há que começar de novo a partir nuvem
na cloaca da vida;
seria muito fácil com uma pedra
--uma pedra que me pesasse na palma como um punho--
uma pedra é bem mais útil do que uma nuvem
para lançar às trombas encharcadas do mundo.

Não tenho a pedra. Só o sopro de um destroço de nuvem
a ressumar bolores pelos poros das palavras.

Para elevar a torre de um só canto
nem sequer as velhas pederneiras
só esta neblina frouxa entornando os olhos.

O mundo
não se ergue nuvem a nuvem
sobre uma muralha de névoa:
Uma pedra voando, rompendo a gravidade
é um vento tão mais leve que a
têmpera de uma vaga neblina

Numa só coisa
ganha vantagem a nuvem. Aquela nuvem.
-- Encobrimo a água calada dos buracos
por vezes faz a nuvem o mundo florir:
corola toda aberta impudica
como uma erva rompendo a rocha
na improvável fenda estreita
de uma gruta.

RITA TABORDA DUARTE



clube dos apreciadores de nuvens



NUNO MIGUEL GUEDES

Assim, amigos: mais um dia em que escrevo, buscando pequenas redenções ou dragões do meu tamanho que possa combater. Mas não está fácil. A temperatura do ar ronda os 34°C, o que para este escriba é o primeiro passo para o transformar num serial killer de renome; e como se isso não bastasse – e nunca basta –, um olhar rápido pelos jornais confirma que o céu límpido que vejo daqui alberga coisas bem mais negras: “Enfermeiro condenado a quatro anos de prisão por abusar de menor”, “Homem mata filho em Pombal com arma branca”, textos sobre corrupção sortida, calamidades a la carte, casos de abuso de poder e, claro, a continuação sem fim de todos os conflitos bélicos que sempre foram e serão irresolúveis.

Dirá o leitor: “Está certo. Mas há maneiras de escapar à humanidade, a começar por aceitar tudo o que é humanidade”. O leitor tem razão e foi isso que fiz. Daí que me tenha lembrado de uma notícia de que fui informado há algum tempo e que na altura achei improvável. Fui à procura e eis a boa nova: existe. É verdade. É fulcral. É útil. É um descanso, poesia, suspiro de alívio. Trata-se de um clube dedicado exclusivamente à contemplação de nuvens. É, não é? É. Tratar as coisas pelos nomes: a Cloud Appreciation Society (cloudappreciationsociety.org) tem origem na Inglaterra mas tem membros de todo o mundo. O seu objectivo é auto-explicativo: ver nuvens, distingui-las, falar e escrever sobre elas. Assim de repente não consigo lembrar-me de nada que junte tão perfeitamente o espírito dos Românticos do

século XIX com a tecnologia dos nossos dias. É como se Keats estivesse online.

Vale a pena passear pelo seu manifesto. Logo na alínea inicial está a declaração de intenções: “Acreditamos que as nuvens são injustamente mal tratadas e que a vida seria muitíssimo mais pobre sem elas”. Mas há mais: «Procuramos lembrar às pessoas que as nuvens são expressões do estado de espírito da atmosfera e podem ser lidas da mesma forma que o rosto de alguém”. E num toque mais realista: “Acreditamos que as nuvens são para sonhadores e a sua contemplação faz bem à alma. Na verdade, todos os que interpretarem as formas que observam pouparão muito dinheiro em contas de psicanalista” [a tradução é minha].

Acho isto lindo, francamente. É verdade que, na melhor tradição grouchomarxista, nunca poderia juntar-me em boa consciência a este clube, sobretudo se me aceitassem. Estou demasiado contaminado pelo cepticismo para isso. A minha ideia de andar nas nuvens tem mais a ver com o cair delas, como Machado de Assis: “Antes cair das nuvens do que de um terceiro andar”. Só que esta actividade inútil e contemplativa encanta-me. É a vitória do otium, a actividade mais nobre que na minha opinião um ser humano pode almejar. E quem a procura nestes dias tem para mim estatuto de herói. Por isso, amigos, não hesitem. Se acharem por bem inscrevam-se neste clube. Eu, de certa forma, sempre lá estive: as nuvens, pela sua beleza e efemeridade, podem ser comparadas com a vida, uma vida que corra bem, o mais belo dos *memento mori*. E é dessa forma que não me importo de andar com a cabeça nas nuvens.



sem ponteiros

ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO

Nuvens, a lua, o sol, sob plano de fundo suspeito e presumido, o céu, acompanham toda a nossa vida. São como a nossa própria sombra. As nuvens não são inconsistentes. Parecem sê-lo, mas não são. Nunca podemos olhar para elas só durante alguns instantes. É preciso a vida inteira para perceber de nuvens. A sua consistência é temporal. Formam-se. E tudo pode também desanuviar. Entre a condensação e a dissipação, concentração e dispersão, há tempo. O elemento das nuvens é atmosférico. São elas que se interpõem entre nós e o céu azul ou o sol. São elas que batem em retirada e nos abrem para

a transparência azul do céu, quando é dia ou das estrelas e lua, quando é noite. Há várias formas, imagens, texturas. Eu vejo as nuvens o mais das vezes e primeiramente lá em cima, quando eu estou cá em baixo. Já vi nuvens de aviões lá em baixo. São um tapete branco opaco, quase a sustentar a possibilidade de sobre elas caminharmos. Em cima ou em baixo, as nuvens são criaturas magníficas, brancas ou cinzentas, pesadas ou leves. São enormes, gigantescas ou pequenas e leves, subtis. No céu de Ribeirão Preto, São Paulo, não aparecem durante o mês de Agosto. No céu pesado de Hamburgo formam uma massa homogênea confundida com o céu de Verão que nunca aparece por essas bandas. No cimo

das montanhas ou do céu parecem um tapete. De baixo para cima, surgem magníficas. Trazem o vento. Mostram como vai estar o dia. Dizem como é o nosso estado de espírito. Indicam o tempo. Entre Nova Iorque e a Califórnia há nuvens. Há a opacidade. Podemos ficar viciados nelas, nunca as conseguirmos dissipar ao longo da vida, quando vivemos no lado errado do rio. É só errado, porque é o lado que habitamos. Somos da margem: a errada do rio. Podemos viver sem ter sido. Podemos viver com todas as possibilidades do mundo. Poderíamos ter sido tudo e nunca ter sido nada, sobretudo não ter sido a única actividade que nos livraria de todo o vazio e de nós vazios de tudo. Sem fazer o que somos ficamos tristes.

Sem amarmos como devemos somos vazios. Às vezes, pode parecer que as nuvens nos falam só de tristeza e de opacidade. Pode parecer que escondem o céu azul de Agosto de dia e de noite quando está estrelado. Mas é só uma aparência. As nuvens dizem o tempo. Dizem o tempo quando estão paradas e não há vento ou assim o indicam. As nuvens indicam o tempo quando passam sobre as nossas cabeças e escondem o sol e a claridade brilhante de um dia de praia na infância ou desaparecem para o darem a ver. E depois vem o sol. Abre o dia, como dizemos, e o azul estende-se como a manta total da nossa vida que serve de plano de fundo à vida. O céu é o tempo e as nuvens o seu indicador. O modo

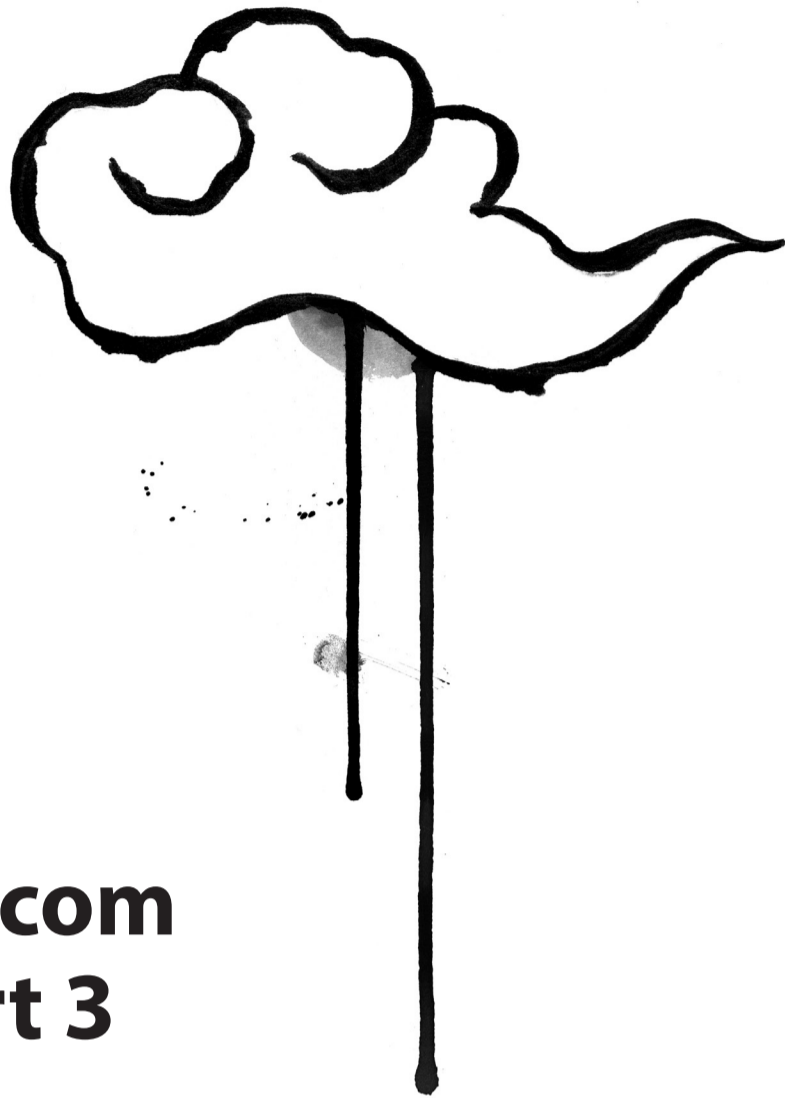


como se formam e transformam. As nuvens nunca se deformam. São cavalos, ursos, exércitos, rostos conhecidos e queridos ou têm má cara. As nuvens podem estar próximas ou afastadas, vir da nossa direita para a esquerda ou ao contrário. São elas que trazem os ventos. Homero chama ao seu deus "ajuntador de nuvens". O Zeus não é o pai dos deuses. O pai dele é o tempo tal como é o pai de todas as coisas que são. Quem junta também dispersa, mas é um modo de fazer transformar o universo. Urano ou lá como os gregos o chamavam, o céu, é o tempo. As nuvens são os seus ponteiros. Indicam um dia de praia limpo ou coberto. Transitam em rápido movimento como a procissão das aves. Existem de dia e

de noite, de verão e de inverno. Estão entre Nova Iorque e a Califórnia. Céus cinzentos com nuvens que passam sobre nós a uma velocidade estonteante e nos indicam o sítio para onde ir. Céus negros estrelados com nuvens que passam sobre a nossa cabeça e nos dispõem como Saturno quer. A lua e o sol com nuvens são coisas diferentes. No céu de Nova Iorque passam nuvens sobre mim na direção da Califórnia, porque o oceano é o lugar das nuvens. A cidade é estranha às nuvens, mas também aparecem nas cidades. *The Motorcycle boy reigns* num mundo que não precisa de ponteiros, porque os relógios indicam o tempo para quem tem pressa de viver, mas não para quem já morreu durante o tempo

da sua vida. E podes estar próximo da tua vida e não ter nenhuma vida. Podes estar ao pé da tua namorada toxicod dependente, incompreensível para o teu irmão, mas compreensível para ti. É o amor que te faz estar ao pé dela e ela é como uma nuvem, vai e vem, fica e parte. Como tu: vais e vens e partes, mas ficaste, ficaste para morrer, porque és como a nuvem que parece inconsistente mas é como um rochedo ou o abismo ou o céu entre o azul fundo e escuro e o negro da noite como o leite da manhã. Podias ter sido tudo o que quisesses, mas nasceste do lado errado do rio. Tinhas o talento para ter sido tudo o que quisesses ter sido, mas não foste o ajuntador de nuvens, pessoas, actividades. Não querias. Não podias?

Não. Podias mas não querias. Vias as nuvens passar por cima da tua cabeça de oriente para ocidente. Pareciam salpicos de algodão para se tornarem em campos de algodão. As nuvens são o tempo que não podes apanhar. O tempo que vem sempre e parte sempre e traz como leva as pessoas que amas. As nuvens no oceano são as ondas, as vagas, as ondinhas e até o mar inteiro quando está tranquilo. O mar é o céu de onde vêm as nuvens. Olhas o céu como um relógio sem ponteiros, mas com nuvens que se juntam e dissipam. São as pessoas da tua vida quando estavam todos vivos. São as pessoas da tua vida que aparecem no céu como as estrelas. Pensas que só um nuvem dançante nasceu do caos que a deu à luz.



nuvens com beaufort 3

para Inez Campos Alves, Maio 2019

Tudo se passou sob o horizonte do Cabo.
Fustigadas décadas de plátanos, montanhas marinhas
E a ansiedade inoculada do novo século
Ante a luz de um ante-estio seco cujo pó nela assentava
Como num espelho em perda.
À parte não-descritiva do texto pedíramos que tardasse,
De nada valia agora a senescência do quotidiano,
Ou a grande doença da filosofia.
Estávamos então no grão duro e pontilhisto de nós mesmos só.
Seremos dois e recentes e quase submarinos
Fazia empenar a linguagem à porta da biblioteca estelar
Onde nos apresentáramos nus, mas munificentes.
Nus, mas rodeados de estática –
Emitindo na direcção das tempestades futuras o nosso credo
Da continuidade da consciência
Momento-a-momento.
O eterno retorno das figuras, indubitável como chuva de jacarandá,
Prefazia a última letra da dívida.
Pago o aluguer destes corpos,
Elidíamos a cada sopro ilusão, minuciosamente
Empenhados em desembrulhar um presente
Estado de coisas.

RUI CASCAIS

melhor que uma nuvem

Foram precisas noites inteiras a beber em cafés, em bares,
em casa deste, em casa daquele,
sem nada fazer, sem nada ver.
Foram precisos fins-de-semana inteiros a olhar a televisão,
discutindo jogos de futebol,
como se da minha vida ou de quem me fosse próximo
tudo aquilo se tratasse,
sem nada fazer, sem nada ver.
Foram precisas horas e horas e horas nos transportes
a ler jornais desportivos, a ler revistas,
como se espreitasse para dentro da casa de outras pessoas,
sem nada fazer, sem nada ver.
Foram precisas muitas vidas mortas,
lidas nos jornais,
vistas num qualquer ecrã,
algumas acompanhadas uma última vez
à barriga da Terra,
sem nada fazer, sem nada ver.
Foi preciso abandonar pessoas,
uma a uma,
entaladas em camas,
e fugir para a vida lá fora,
sem nada fazer, sem nada ver.
Foram precisas horas e horas e horas de trabalho
para pagar tudo aquilo que é preciso ter
mas sem nada fazer, sem nada ver.
Tudo foi preciso
e muito mais seria,
porque enquanto não se dá cabo de uma vida
não se descansa.
Uma nuvem no céu
não desapareceria melhor.

PAULO JOSÉ MIRANDA



micro-climas

JOSÉ NAVARRO DE ANDRADE

1. Instado pelo chaval – era Spielberg e já tinha os seus perenais 15 anos – a única recomendação que John Ford se dignou dispensar foi: “nunca ponhas a linha do horizonte a meio do enquadramento.” Tanta superfície cerúlea e desamparada ficaria mal às moscas, houve portanto que decorá-la com os sumptuosos Cúmulo-nimbos e Cirrus do Arizona-sem-vento. E nisto perpassava um ar de solenidade capaz de persuadir os cultores da semiótica de que a natureza tem alguma coisa para dizer. Muito gozava Ford com o pessoal.

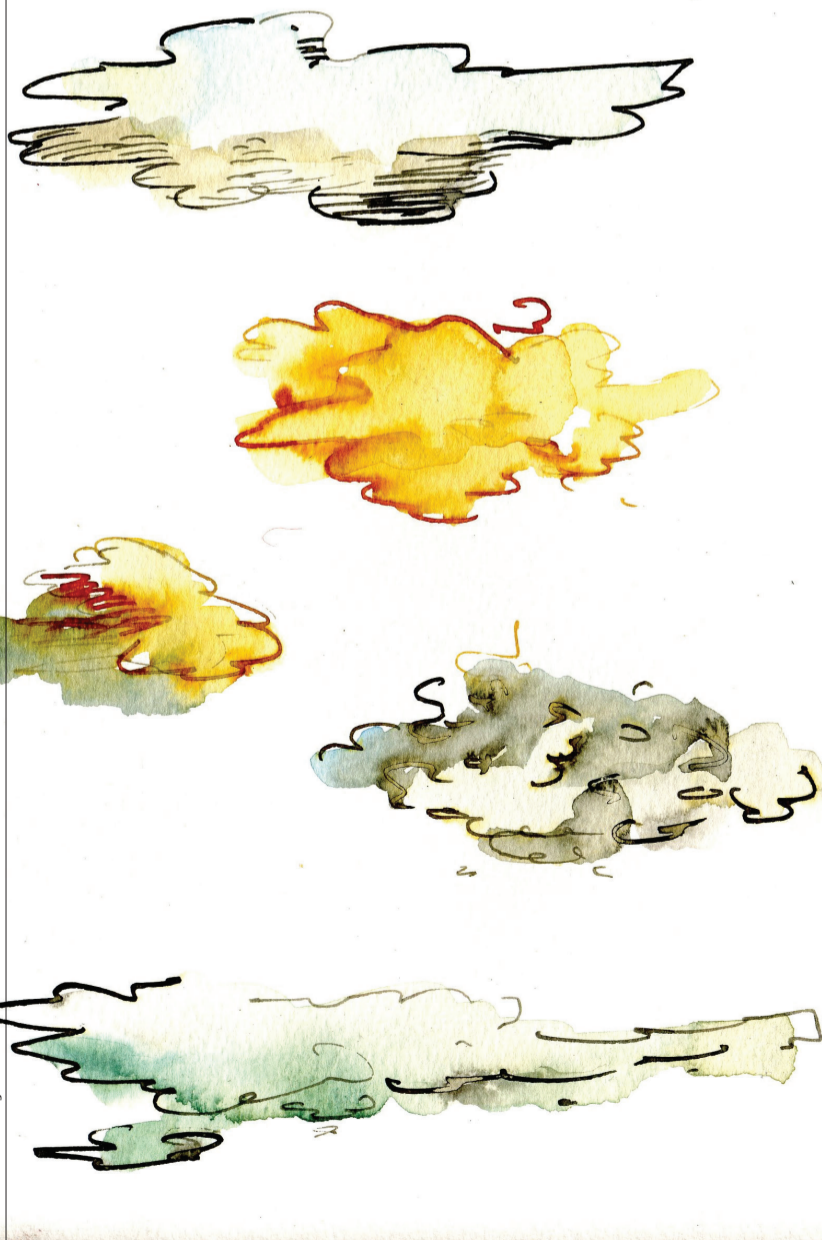
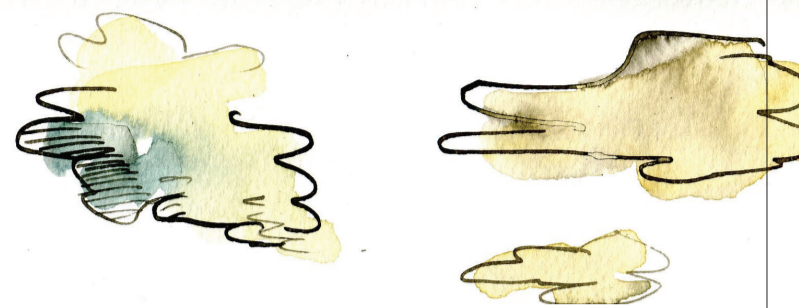
2. As nuvens não servem para nada senão para choverem. Enegreçam os céus, carregue-se a

atmosfera, agoire-se borrasca e tem-se licença para trautear o “Stormy Weather” de Ethel Waters (esquece, não há trocadilho.) Canção e estática concorrem em fazer pele de galinha. Vai para dentro que vem aí bâtega; poeta molhado bem que puxa à lágrima, mas em tempos de sequeiro é tropo que nos faz rir.

3. O quadro não vale meio Velasquez ou um Picasso, mesmo dos últimos já de coito mole. Mas segundo expressão gerada noutra zona do córtex Caspar David Friedrich teve um “ganho de oportunidade.” No alto da montanha, disposto de costas e jaquetão negro, de cabeça ruiva ao léu – sinal assaz inquietante – de perna poisada num penedo, o homem abandona-se à contemplação – bem se avisou... – da maré de nuvens a seus pés. Inspiração ou circunstância

o caso é que o quadro “Viandante acima do mar de nevoeiro” resulta em capturar os arquejos e tonturas – é rarefeito o ar lá em cima – do Romantismo, esse fleimão literário que por mais que o lancetem e lhe apliquem punções nunca deixa de reincidir – então agora, que o moralismo e o sentimentalismo se fizeram praga... Já estamos como havemos de ir.

4. À conta de Spielberg, de Ethel Water, e do vulto de Friedrich, esteve quase para se escrever “nefelibata” e olha que não havia despropósito. Aposto que não chegarás ao fim deste caderno sem tropeçar na palavra “nefelibata.” Mas se não a sabes nem calhou ninguém elucidá-la, também não se haverá aqui de a esclarecer. Tivesses ficado em casa a estudar em vez de andares a comprar livros.



meridiano de greenwich

ANTÓNIO FALCÃO

A chama extinguiu-se, não há nada a fazer. Como posso voltar a acendê-la? Junto uns pauzinhos, chego-lhe um fósforo e ela volta de novo? É tão simples, o fogo a arder, fica ali sem parar a entaramelar-se com o vento. Abrimos a janela, deixamos correr a brisa e ele enche-se de força. Como foi possível apagar-se assim sem aviso? Talvez tivesse notado que o lume já não era tão forte, que não se propagava em seu redor. Estava circunscrito, como dizem os bombeiros, as chamas controladas. A piromania a desagregar-se. Nem dei por nenhuma corporação, nem pelos carros cheios de água a correr escadas acima. Serra acima. Ou do céu, não se viu cair nenhum balde, nenhuma aeronave blindada, que vai recolher o choro a um ribeiro e o traz para o largar no fulcro da combustão. Não, não vi nada disso. Nem sequer um homem com uma mangueira. Não dei pela presença

de ninguém. Estaria no armário? Terá sido isso? Deixei de dar conta da presença a meu lado? Eu, tu, nós? Não quero que este fulgor fique assim, como matéria de rescaldo. Para onde irei depois disto? Será tudo morno a partir daqui? Será que sofri um degelo? Possivelmente. Deixou o horizonte alagado de frescura. Não aquela que limpa e renova a vista, mas a outra que a esfria e aniquila. Tantas interrogações e nenhuma resposta. Onde vou encontrar explicações, será de ligar à protecção civil ou pedir a um guarda florestal que me traga um alerta? Não há chama, senhor guarda. Que posso fazer? A torre apagou-se, senhor padre. Os sinos já não dobram. Deixou tudo destruído, mas foi-se, queimou tudo à sua volta, mas agora já não há mais. E agora? Meu deus, para onde ir? Não posso recomeçar, não quero juntar os pauzinhos. Isto não vai lá com acendalhas. Nem a sopro. Preciso de uma granada, por favor, isto só vai lá com uma explosão. Ou com o avesso de uma nuvem.



STUART CARVALHAIS

febre

falhei já sete poemas
e outras tantas vidas.

no penúltimo aconteceu
um homem

ora despido ora esfarrapado
[segundo os olhares]
que parecia atravessar o campo de corpos
pisando as minas de carne
indiferente às explosões de fedor
[perfume pode bem rimar com gume]
o nervo não era já de aço
e o homem não caminhava, afinal
enraizava os passos, os pés
no horizonte de lodo da cor do sol-pôr
mas buscava consolo no
grito
dos que desarrumam as estrelas

não era a fera flor da morte que o
deslumbrava ou despia
[iam sendo farpadas as nuvens que lhe
tocavam]
mas o facto nu da

palavra

ter perdido os múltiplos sentidos
nenhum outro se lhe encontrando que não

carrasco

assim contendo
o mais que tudo

E na última vida
um espelho baço e doente
devolvia em vômito

a mão que tatuava o papel:

Querido Carrasco,
bota o Schumann e bebamos
na margem do poema
de verso branco banal
a cerveja do inferno
[weissbier de trigo de ondulante perfume]
em quente sedes matando.

Querido Carrasco,
em podendo recomeçamos
o que não tem fim:
tu afirmas uma desrazoável razão,
eu o absurdo mais feroz,
tu perguntas,
eu morro.

JOÃO PAULO COTRIM

ABYSMO E
ARRANHA-CÉUS:
A CONSTRUIR
CASTELOS

NAS 

DESDE 2011 OU
MUITO ANTES.

JOÃO QUEIROZ



CARLOS FIOLHAIS, CIENTISTA, E JOÃO QUEIROZ, PINTOR

uma colecção de pequenas coisas

Para agarrar, por instantes que fosse, o esquivo objecto que se fez tema, juntámos um cientista e divulgador a um pintor e investigador de paisagens em conversa solta.

Carlos Morais José: Podemos definir uma nuvem? Ela que está sempre em movimento, sempre em constante transformação?

Carlos Fiolhais: Há um conceito de nuvem que não é nebuloso: uma nuvem é uma colecção de moléculas de água, que são líquidas ou sólidas e que estão na atmosfera. Existe depois toda uma variedade de tipos de nuvens, e há classificações onde as agrupam, se estão mais altas ou mais baixas: os cirros, os estratos, por exemplo. Mas depois possuem as formas mais caprichosas. O que se percebe, porque uma nuvem é sempre uma colecção de pequenas coisas. No fundo, uma colecção de moléculas de água que se agregam, formando agregados de moléculas. Uma nuvem tem esta forma volúvel. Agregando e desagregando, as nuvens estão sempre a mudar de forma.

João Queiroz: Para vermos, em qualquer representação, precisamos ter uma forma sobre o fundo. Para ver um qualquer objecto temos que o destacar sobre o fundo que esse objecto não é. Por isso, a nuvem é um objecto muito característico, pois faz com que haja vários graus de dificuldade no destacar esse objecto nuvem do fundo céu. É a parte visual e fenomenológica do assunto: como é que eu formo um objecto no olhar.

Interessa-nos, portanto, as nuvens como presença. Quem faz paisagens, por exemplo, pode resolver um grande pedaço de tela: ocupam bastante espaço em querendo. Mas, sobretudo, têm uma plasticidade que pode ser adaptada a muitos estilos diferentes. Houve um momento, no princípio do século XIX, em que as nuvens foram muito vistas e observadas como fenómeno natural, e essa observação era muito

importante para a representação, com o Constable e o Turner... Quem se lhes seguiu não as pintou como as do Turner, pintaram nuvens que se adaptavam mais ao estilo deles, e isso é uma coisa muito típica... São muito usáveis e tem outra coisa importante para a representação, onde se junta com a filosofia. É que têm contornos muito diferentes com o fundo. Há momentos em que podem ser muito acerados, outras vezes são fluidos e podemos fazer desaparecer quase tudo.

C.F.: O século XVIII é o século do iluminismo, do triunfo da razão. E no início do século XIX há uma reacção contra isso, que é a reacção romântica. Um dos seus argumentos era que a ciência não poderia descrever tudo, ou pelo menos não descrevia tudo bem. Um dos grandes espíritos do romantismo foi Goethe, autor do *Fausto*, uma crítica à Ciência, e que tentou ser



revelação

Este livro como uma herança
um aviso um abrigo

Aberto sobre o colo do Filho
este livro é o caminho
uma nuvem um anjo triste

Reencontro com um amigo perdido, este livro é
uma casa uma espada uma escada –
a primeira manhã, este livro é a Palavra

Este livro é o tempo: derradeiro príncipe
que só a verdade permite medir: é a eternidade,
o multiplicar da estrela para a ressurreição do Homem
é o amor a tarde o temor: este livro é um milagre

Este livro é o testemunho o pó o silêncio –
o vento o cordeiro o abismo: este livro
em que tão veloz se aproxima o começo
que em tudo se confunde com o infinito

GISELA CASIMIRO

cientista, embora fracassado, e por boa razão, pois o seu objecto científico era volúvel: as plantas, as cores e as nuvens. Ou seja, o projecto do romantismo tinha a ver com a descrição desses mundos que pareciam escapar à ciência e cuja descrição nunca poderia ser científica. Nas cores ele estava completamente errado, contrariando a teoria de Newton, para ele só havia o branco e o preto e as cores seriam uma combinação de branco e preto, o que não é verdade. Mas essa teoria das cores não vingou e é considerada pseudociência hoje, mas acabou por influenciar pessoas como o Turner, de quem estávamos a falar.

J. Q.: A arte é muito mais sugestão e o que se pode aproveitar, não interessa se está correcto ou não. O Goethe influenciou muito pela sugestão, por ser estimulante, motivando até resultados interessantes, mas não é por motivo científico. Nas nuvens, pro exemplo, trata-se de observação, é mais um caderno de viagens...

C.F.: Os românticos achavam que a ciência estava a estragar a arte. O que não é verdade, mas foi uma reacção muito forte no início do século XIX. A ciência tinha avançado muito, havia uma certa arrogância e então há um movimento contrário. John Keats, o poeta, diz mesmo que a ciência estava a roubar o arco-íris, estava a meter-se em coisas que eram do domínio da arte.

João P. Cotrim: Portanto, as nuvens são uma espécie de espelho de um conjunto de questões que são obviamente humanas. Por exemplo, a do conflito entre arte e ciência no contexto do século XIX.

C.F.: Esse conflito é mais aparente do que real, porque são dimensões diferentes do ser humano mas que podem e devem existir pacificamente. Por exemplo, os artistas não são assim tão fora do mundo como eles próprios, por vezes, poderão pensar, porque mesmo quando sonham e imaginam, seja lá qual for o verbo, eles estão ligados a este mundo. A experiência deles é sempre com o real e mesmo quando sonham fazem-no sempre condicionados pelo real. Os cientistas também, quando tentam descrever o real, precisam de uma faculdade que os artistas têm, que é a imaginação. Têm que fazer o pensamento sobre o mundo que não é, pelo menos numa primeira fase, exactamente igual ao estão a ver, tem de se imaginar como é que pode ser. E depois vai-se ver se o é ou não.

J.Q.: Sobre isso não há dúvida, o pintor trabalha sobre o real, com tintas e químicos, trabalha fisicamente, e depois aquilo tem de secar...

C.F.: A cabeça dele também que faz parte do real. É um ser humano que faz parte do mundo, cria mundos no cérebro, mas toma parte do mundo e tem experiências do mundo. Pode

pensar que tem experiências do outro mundo, seja lá o que isso for, mas o certo certo é que todos os artistas e escritores são todos deste mundo.

J.P.C.: Voltando ao real. A computação foi buscar uma metáfora – a *cloud* – para significar algo que tem uma existência física.

C.F.: A *cloud* mais não é que um conjunto de computadores algures ligados entre si, aos quais temos acesso sem saber onde estão e isso pouco interessa. De algum modo, pairam sobre nós. Não é muito directa, como as boas metáforas. As nuvens pairam sobre nós, estão sempre presentes mesmo quando o céu está limpo. Da mesma forma, também essa nuvem possui a característica da nebulosidade, que significa forma irregular. Essa configuração da rede pode adaptar-se ao que queremos. Por outras palavras, precisamos de um certo número de serviços de Internet e há uma parte da rede que vai fazer isso, há ali uma utilização da rede que é tão irregular como uma nuvem. O nome da nuvem que usamos para a computação é muito engraçado, por dar um aspecto poético e imaterial, afinal o contrário do que aquilo é. Há máquinas a trabalhar em algum lado, portanto a nuvem da rede é material.

J.P.C.: Ou seja, esta coisa da poética dá um jeitoço.

C.F.: Pois dá! Ainda agora morreu o

Gell-Man, o físico que, para dar nome às partículas elementares, foi buscar ao romancista, James Joyce, uma palavra que não se percebia muito bem, neologismo: *quark*. E o Gell-Man gostava muito de linguística, até queria estudá-la, mas depois foi para física. E, portanto, há ligações muito grandes entre ciência e literatura. Os cientistas lêem... E os literatos sabem o que os cientistas fazem. Por vezes até dão o mote para os cientistas. Por exemplo, toda a literatura de ficção científica inspirou muitos cientistas. Alguns dedicaram-se a certos temas levados, não tanto pela imaginação própria, como pela imaginação literária.

J.P.C.: Uma das leituras óbvias na climatologia e na meteorologia é aquele saber do camponês de olhar para o céu e interpretar. Faz algum sentido ou é senso comum?

C.F.: O senso comum faz o sentido que faz. O senso comum, como a própria palavra indica, se é comum tem já alguma regularidade e, portanto, qualquer coisa de científico. Qualquer coisa, digo eu, porque a ciência não é senso comum. As grandes afirmações científicas que o Homem faz, sei lá, Newton, por exemplo, ao equiparar a maçã e a Lua, é um rompimento do senso comum. Einstein, ao dizer que a luz, ao passar perto do sol, encurva, vai contra o senso comum. A luz pesa, diz Einstein, no que um verso de um poeta moderno. A ciência requer abstracção.

clima

A ciência vai juntar coisas que estão separadas sem que essa junção seja óbvia. A luz das estrelas a curvar-se, e numa estrela maior curva-se ainda mais, e no buraco negro a luz entra lá para dentro, não se escapa de lá... Tudo isto é contrário ao nosso senso comum.

J.P.C.: A luz pesa na pintura? É um tema da pintura?

J.Q.: Na pintura, é um efeito. Ao vermos, temos a noção que a luz está representada: com cores mais brancas, com maior ou menor luminosidade. É um dos temas, pode ser um tema importante. Principalmente, o tema da pintura e das artes no geral, quanto a mim, aproxima-se mais da ciência pela filosofia. O problema é de ontologia: quais são os elementos que existem? Para um universo como o da pintura, da poesia ou da música, os elementos que existem não são os mesmos da acústica, da óptica ou de outra coisa qualquer. São ontologias diferentes. Isso faz partilhar as preocupações das ciências, que também tem de escolher quais os elementos que existem, e já que falou do Gell-Man, com que coisas podemos contar para trabalhar, para fazer relações entre elas, para servirem de incógnitas. Obviamente que há razões possantes para que sejam estas coisas e não outras, e pode-se gastar biliões a ver isso, como se fez agora no CERN. Que elementos é que tem validade para contarmos com eles? Na arte também há essa preocupação por parte dos artistas, dos pintores, que escolhem formas e cores, por parte dos poetas quando escolhem as palavras, dos músicos quando escolhem os elementos de composição, por exemplo, o dodecafonismo, que se auto-impôs limitações.

C.F.: Percebo e concordo, mas acrescento que uma peça de arte visual, um quadro, ou uma peça de arte sonora, uma sinfonia, não poderão nunca ser desfrutadas se não houver um intermediário: a luz. E não estou a falar da luz congelada na tela, estou a falar quando há o intermediário e o observador...

J.Q.: Isso é óbvio, mas quando vou falar da apreciação de um quadro é muito difícil estar a medir qual foi a quantidade de luz que entrou na retina do observador.

J.P.C.: Esta pergunta também não interessa nada, mas quem é que percebeu primeiro a luz: o cientista ou o artista?

C.F.: O artista é muito mais antigo que o cientista. Se um artista do

Diz-se de muitas cousas juntas que escurecem o ar, ou o lugar, em que se acham. (Dicionário Bluteau)

Se o calor assanha e nos lençóis te volves (neura suada a ferrar galho)

fico desnortado quanto às frases que penduraste no cabide

junto ao aforismo da T-shirt rota.

Não que chova — se há nuvens

são só farrapos estivais a esgueirar,

pedras sobradas a frentes feitas frias.

Que assim me sobejas, trocadilho atracado

em porto parco, dado que a aurora

que nos salvaria da selvajaria conjugal

sequer adoça o clima choco.

Sabes bem que a meteorologia

me é materialismo, chapéu-de-chuva

pesquisando pingos em punho, pontuações

de romances nebulosos, ténues atenuantes

de adiantos procurados.

De que me resta senão precaver

menos mal? Desde há muito que pus

os trópicos no congelador do ardor

ainda que nos pese a impermanência

feita de contendras condensadas.

Talvez um sinónimo sirva de atenuante

tendo em vista a ordem da agenda

tão preenchida de desencontros

rigorosos e retrucados. Sumiu-se porém

no desbotado dicionário do Bluteau.

Bem sabe teu corpo usar a educação

na negação, a perna enjeitando o rasgo

de intimidade em pelo.

Reiteras assim a urgência da carne

se arredar dos rodeios do Logos.

E lá se vai o desejo

em humilhantes derrotas, jornada a jornada,

qual sola de molho

sem vista de terra a varar.

PEDRO PROENÇA

paleolítico mete na parede da caverna uma cena de caçada, ele está a capturar os animais daquela maneira, e portanto, está de algum modo a fazer representações do real. A ciência exige outra atitude, uma observação mais cuidada, que ali não acontece. Portanto, direi que a arte é muito mais antiga do que a ciência.

C.M.J.: Mas há um principio da ciência na magia das cavernas, que é a questão do conceito de causa-efeito, que é: se eu fizer isto vou ter aquele efeito. Ou seja, o princípio básico da experiência científica.

C.F.: Sim, de algum modo, mas acho que pode haver arte sem haver causa-efeito.

C.M.J.: Claro, pode haver só conceito solipsista. É uma arte inútil (risos).

C.F.: Depois das cavernas, a questão de causa-efeito é muito nítida. Alguém disse a certa altura que o eclipse era causado pela imposição de um astro à frente de outro, não era um acto de magia, de ilusionismo, não era uma brincadeira dos deuses do Olimpo. Era simplesmente um astro a passar à frente do outro. E há sofistas, na Grécia, depois criticados na comédia *As Nuvens*, do Aristófanes, uma crítica à ciência, que estão a olhar para as nuvens e para o céu. Era o começo da racionalidade, não sendo ainda a ciência moderna que só aparece no século XVII, e avança enormemente no século XVIII, mas é a identificação da causa-efeito, e tentar encontrar uma compreensão. E no sentido da ordenação, pois a causa é primeiro do que o efeito. O eclipse de que falávamos, que confirmou as ideias de Einstein, mais não é que isso, a lua a pôr-se entre a terra e o sol. E a ciência permite prever isso, permite saber quando é que a lua vai tapar o disco solar. E isso não conseguimos por outras maneiras, não é rezando que conseguimos isso, não é pintando que conseguimos isso, mas fazendo umas contas, como fez o Newton e o Einstein.

J.P.C.: A nuvem representa, para a ciência, um objecto interessante, suscitou investigação?

C.F.: As mais recentes são as experiências climáticas no CERN. Têm lá uma câmara onde simulam a força das nuvens, põem partículas de alta energia semelhantes aos raios cósmicos que vem do espaço e tentam perceber como é que os aerossóis, que estão na base da condensação das gotas, se comportam face aos raios cósmicos. Tentam perceber a origem do cosmos meteorológico e até climático. O clima é, digamos, a meteorologia a longo prazo, permitindo criar modelos para prever a evolução em centenas de anos. A constituição da nuvem, já o vimos, é água. Não é complicado, mas as moléculas de água estão por todo o lado, até na própria atmosfera voam. E na nuvem são moléculas de água, que juntas formam água líquida, num baile permanente e muito irregular de moléculas de água. Os tais H₂O como se fosse uma dança de roda formam-se seis H₂O, e depois 8 e depois 9 e desfazem-se, e portanto a água não é mais do que uma dança de moléculas. As nuvens estão cheias de gelo, minúsculos cristais, que dão aquela cor branca. E o gelo nada mais é que a arrumação numa rede das moléculas de água, e pára a dança. O



ESCULTURA DE VÍTOR RIBEIRO

complicado na nuvem é a forma, onde acaba a nuvem.

J.P.C.: Era o que o João dizia há pouco da fronteira.

C.F.: Exactamente. Sobre isso o Goethe dizia que a ciência não podia dizer nada, porque às vezes parecia um carvalho a correr no espaço, outras vezes parecia uma ave.

J.Q.: Seja cavalo ou unicórnio ou outra coisa, fazem parte de um grupo em que podemos definir e prever que forma tem. Mas pode ser tão difusa a fronteira que ocupa o céu todo, e isso para a representação pode ser muito mais interessante. O interesse da nuvem não está no facto de ela poder assumir muitas formas, está em quase poder absorver o mundo. No Turner não vemos quadros com nuvens em formas de cavalinhos, vemos tudo a desaparecer e a aproximar-se e as fronteiras a caírem...

C.F.: Há outra coisa interessante nessa plástica. A ciência parecia que não conseguia capturar aquilo porque se sabia apenas da geometria de Euclides, a dos triângulos e dos círculos, dos volumes e das pirâmides. Modernamente, e devido aos computadores, foi possível arranjar um tipo de geometria diferente, que está associado ao nome do matemático francês Mandelbrot, chamado Geometria Fractal. Foram desenvolvidos objectos que permitem simular nuvens ou a costa recortada de uma ilha ou de um continente, sendo até possível simular as crateras da lua. Tudo o que parece revelar-se uma esponja de vários tamanhos. Esses objectos são fractais, ou seja, são objectos recortados em todas as escalas, o que significa que uma parte deles é parecida, pelo menos estatisticamente, com o todo. São objectos caleidoscópios, e isso acontece com as nuvens. Se formos ver a fronteira da nuvem, a nuvenzinha parece-se com a nuvem toda, e a nuvenzinha da nuvenzinha parece-se com a nuvem toda. Há aqui um efeito caleidoscópico nas nuvens que é comum a muitos outros

objectos na natureza. Já não precisamos de pintores, é o computador que faz a nuvem, e isso leva-nos para o campo fascinante da criação da arte artificial, em que, como nos filmes de ficção científica, imaginamos planetas com vegetação nova.

J.P.C.: A nuvem é um tema da pintura?

J.Q.: Dentro de algumas classes da pintura tem cabimento, não só pela maleabilidade plástica, mas pela facilidade significativa. O olhamos para cima e vemos uma nuvem, está no ar. A paisagem é um tema, e também tem esse detalhe de não termos de seguir necessariamente as formas típicas ou as formas classificatórias das nuvens. Pode-

se inventar, por razões composicionais, misturar com cores que não existem. Uma preocupação diferente daquela do século XIX, essa tentativa de corresponder mais ou menos à realidade. Está lá, no fundo, mas com grande liberdade plástica sem correspondência ao real, com grande liberdade poética.

J.P.C.: Daí o fascínio filosófico.

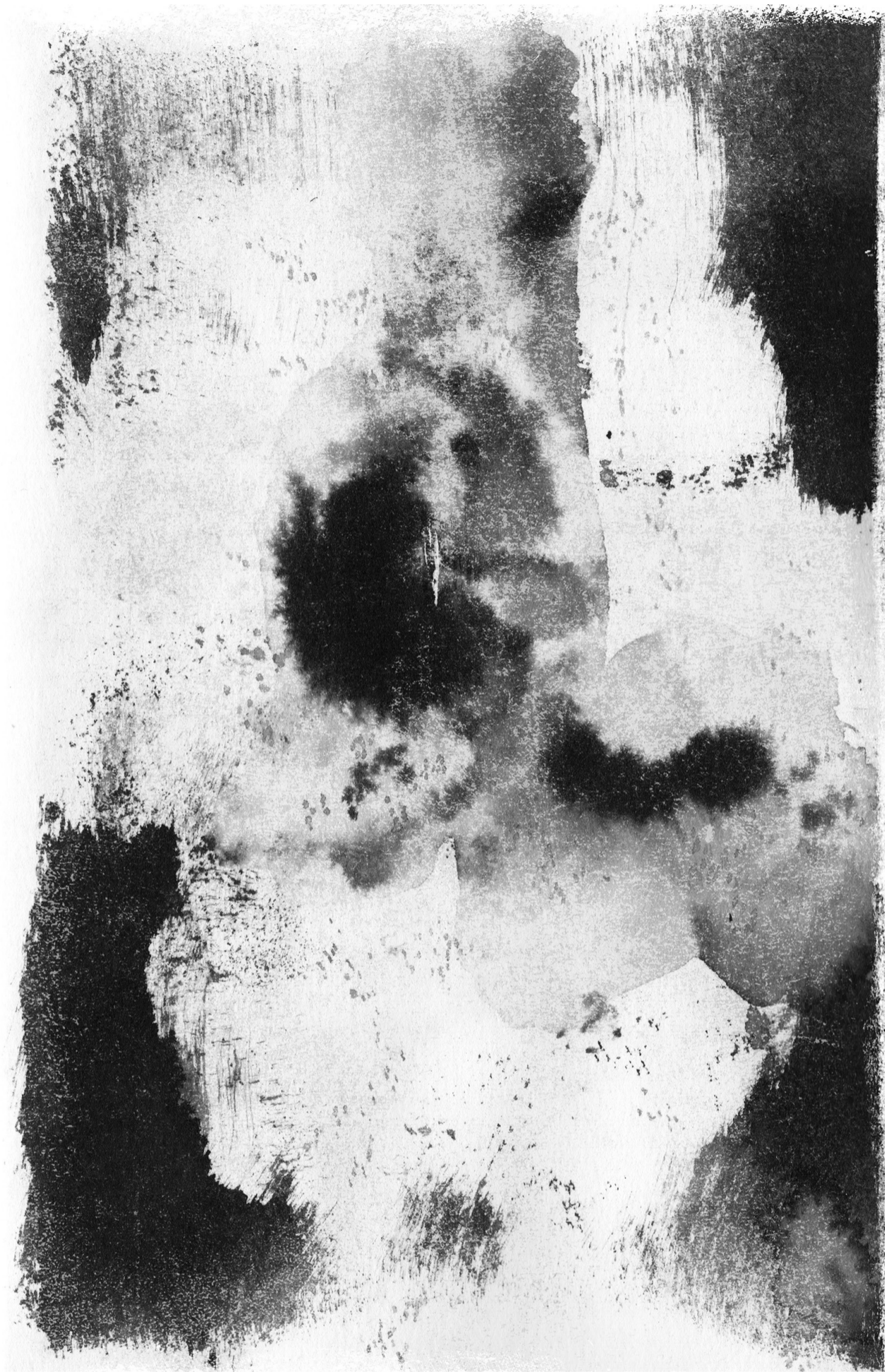
J.Q.: É, porque muda muito a forma e os contornos podem mudar e relacionar-se de maneira diferente com os outros contornos e os outros objectos. O Leonardo Da Vinci tem um texto que diz que a nuvem está no chão e em cima do lago, com grande dificuldade em saber qual é a fronteira entre a água do lago e da nuvem, e como se representa isso. Ele interessadamente fala sobre isso, aquela nuvem, aquela neblina, como se faz a fronteira. Para Da Vinci, as coisas podiam misturar-se, mas era mais um problema de como era realmente e como se podia representar. E aí muito ligado à Ciência: "que raio de coisa é esta, o que se passa na realidade, como é que eu faço isto".

C.F.: O Leonardo da Vinci foi um pré-cientista, pois viveu muito antes da revolução científica, cerca de 100 anos antes do Galileu. Foi com certeza um artista, mas foi sobretudo inventor, engenheiro, um técnico. A arte dele, e aí há uma ponte muito grande com a engenharia, é uma arte de representação. Para ele, a arte é imitar a natureza. Hoje, para nós, a arte não é isso. Ele é um observador impressionante, procurou registar temas da natureza como as flores, das nuvens, da água em turbilhão, que muito dificilmente a ciência conseguia nesse tempo captar. Aliás, a ciência estava a ser criada, e não poderia ser estudado por ser o domínio da surpresa e de não sabermos o que vai acontecer, mas ele faz representações notáveis por ser um observador da natureza como poucos. Ele é, sobretudo, desenhador. A mão esquerda dele fez-se máquina fotográfica: o que os olhos viam, a mão fixava.



Nuvens... São tudo, desmanchamentos do alto, coisas hoje só elas reais entre a terra nula e o céu que não existe; farrapos indescritíveis do tédio que lhes imponho; névoa condensada em ameaças de cor ausente; algodões de rama sujos de um hospital sem paredes. Nuvens... São como eu, uma passagem desfeita entre o céu e a terra, ao sabor de um impulso invisível, trovejando ou não trovejando, alegrando brancas ou escurecendo negras, ficções do intervalo e do descaminho, longe do ruído da terra e sem ter o silêncio do céu. Nuvens... Continuam passando, continuam sempre passando, passarão sempre continuando, num enrolamento descontínuo de meadas baças, num alongamento difuso de falso céu desfeito.

Bernardo Soares

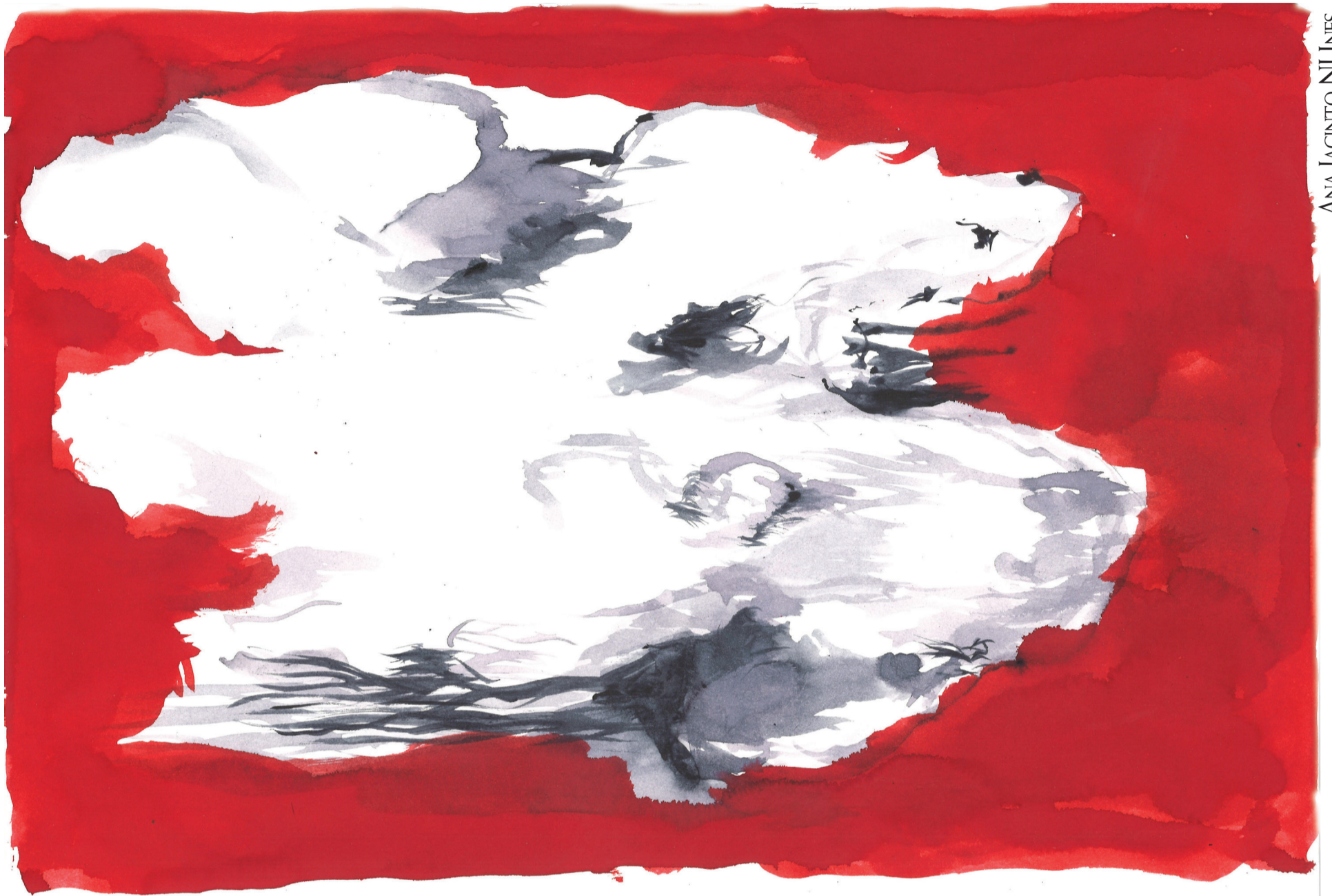


RUI RASQUINHO

Digo eu assim

Aqui,
Entre agás mudos e pescoços de selfie de inclinação
Quase alexandrina, andam agora,
Segundo a voga global, esquecidos dos seus sis.
A nuvem os chama, lançam-lhe as vidas editadas,
Como antes se gizavam lugares cativos no além.

Rui Cascais



as nuvens de hjelmslev

LUÍS CARMELO

Sempre me fascinou o modo como o semiótico L. Hjelmslev (1899-1965) recorreu à metáfora da nuvem para explicar a noção de "mening" (o termo é dinamarquês). Leiamos este excerto dos *Prolegómenos* (1943) que traduz a ideia dos recortes que são possíveis levar a cabo sobre as (ilimitadas) potencialidades do sentido:

"É como os grãos de um mesmo punhado de areia que formam desenhos diferentes, ou ainda como a nuvem no céu que, aos olhos de Hamlet, muda de forma de minuto a minuto. Tal como os mesmos grãos de areia podem formar desenhos que não são semelhantes entre si ("dissemblables") e tal como a mesma nuvem pode assumir constantemente formas novas, assim também funciona o "mening" que se forma ou que se estrutura diferentemente nas diversas línguas. Apenas as funções da língua, a função semiótica e as que daí decorrem, determinam a forma. O "mening" torna-se de cada vez em substância de uma forma nova e não tem outra existência possível senão ser substância de uma forma qualquer." (1971, p. 69/70).

Por outras palavras, L. Hjelmslev afirma que o mening

apenas existe na medida em que substancializa, isto é, em que dá corpo a uma forma concreta, o que quer dizer que não existe por si mesmo, ou seja, em abstracto. Só podemos, pois, considerar a existência do mening no momento em que se concretiza, em que enforma, em que encorpa, ou em que encarna numa dada matéria.

Tudo o que comunicamos é, pois, sempre uma forma, ao mesmo tempo de expressão e de conteúdo - no fundo essa unidade dinâmica pode caracterizar-se por signo -, que se recorta da substância, ou do continuum, à disposição do ser humano e que Hjelmslev designou por "mening". Um exemplo famoso dos *Prolegómenos* fala por si acerca dos modos diversos de recortar o continuum, aqui de acordo com o propósito de 'querer dizer', ou de significar a ideia - /eu não sei/:

jeg véd det ikke	(danois)
I do not know	(anglais)
je ne sais pas	(français)
en tieda	(finnois)
naluvara	(esquimau)

Apesar das diferenças entre as expressões utilizadas, refere Louis Hjelmslev, todas estas

possibilidades obedecem a um factor comum: o "mening", ou seja, "o pensamento que se apresenta provisoriamente como uma massa amorfa, uma grandeza não analisável, definida apenas pelas suas funções externas, ou seja, pela sua função contratada com cada uma das proposições citadas.

Poder-se-ia, por exemplo, analisar de um ponto de vista lógico qualquer, ou de um ponto de vista psicológico. Aperceber-nos-emos que ele ("o mening") deve ser analisado de uma maneira particular em cada uma das línguas", facto que não pode senão ser compreendido do seguinte modo: "o mening é ordenado, articulado, formado de maneira diferente segundo as diferentes línguas" (idem, p.69).

O que se diz das línguas naturais, dir-se-á de todas as linguagens: em todas elas, é do recorte permanente da substância do "mening" que o sentido se desencadeia. Sempre com aquele fascínio que é próprio de quem agarra na nuvem de Hamlet e a corta e recorta em cada segundo para dizer o que for preciso dizer.

HJELMSLEV, L., *Prolegómenes à une théorie du langage*, Éditions de Minuit, Paris, (1943) 1971.

as nuvens são o céu a pensar



STIEGLITZ, 1923

LUÍS GOUVEIA MONTEIRO

Em 1936, Walter Benjamin contava que os soldados da primeira guerra mundial tinham voltado mudos das trincheiras. Acometidos de acédia, a tristeza que emudece, não tinham competência narrativa para transformar em discurso (e, logo, em experiência) aquilo que lhes tinha passado à frente dos olhos. Eles, "que tinham ido de carroça para a escola", não tinham agora palavras para descrever aquilo que a tecnologia era capaz de fazer à carne. "Agora encontravam-se em campo aberto, onde nada se mantinha inalterado

a não ser as nuvens, e debaixo dessas nuvens, num campo de forças feito de torrentes destruidoras e explosões, estava o pequeno e frágil corpo humano."

Na passagem da década de 20 para a de 30 do século XX, o excêntrico Howard Hughes, o homem mais rico da América, derretia 3,8 milhões de dólares em película para fazer o filme mais caro de sempre. E para perceber que só com céu e aviões não se filma a velocidade: é preciso esperar pelas nuvens. Os homens do cinema temem a luz dura e cruel do céu (só azul como os marinheiros temem os dias de calma que roubam o ânimo ao navio.

À meia via entre nós e o céu, as nuvens ocupam também um intervalo no tempo. Manoel de Oliveira precisou de as filmar para garantir um céu histórico rigoroso, quando fez filmes de época. O fotógrafo Hiroshi Sugimoto procurou nelas, (e no horizonte e no mar) a hipótese de fotografar o próprio tempo que passa, passou e passará sempre, indiferente a todas as hipóteses de humanidade.

A banda desenhada ensinou-nos que o pensamento vem em nuvens (e o discurso em balões). As nuvens são parecidas com o pensamento porque ambos são informes. Por acaso - ou talvez não, se pensarmos

que o pensamento é uma coisa em que a gente participa e não uma coisa que a gente produz - corriam também as primeiras décadas do século XX quando Alfred Stieglitz, apostado em elevar a fotografia ao estatuto de arte, começa a perceber que, para tanto, precisa de fazer à fotografia o que esta fez à pintura: libertá-la do realismo. Influenciado por Kandinsky e pela noção moderna de que há correspondências entre as linhas, as cores e as formas e as vibrações íntimas da alma, foi à procura de fotografar a abstracção.

Depois de assinar algumas das imagens mais importantes da

passagem do século [The Terminal (1892); The Steerage (1907)], Stieglitz passa a fotografar apenas nuvens. E, por vezes, uma ou outra jovem mulher.

A série, a que Stieglitz chamou "Equivalents", consiste em (pelo menos) 220 fotografias, produzidas entre 1923 e 1931. Todas as imagens contêm nuvens. A maioria não tem mais nada, ou então apenas o sol escondido lá atrás. Algumas, poucas, mostram um pedaço de monte ou de árvore. Mas aquelas imagens não servem para mostrar, servem para pensar. São a primeira tentativa de libertar a fotografia de uma interpretação literal e, logo, as primeiras obras de arte fotográfica completamente abstractas.

As nuvens são só a terra a pensar.

O mar é o maior espelho do mundo e os narcisos mais velhos olham para ele à procura da sua própria profundidade. Mas quando uma criança tenta arrancar formas às nuvens está, ao mesmo tempo, a repetir o acto mágico da criação - a dar forma ao informe - e a preparar-se para a necessidade demasiado humana de arrancar um qualquer sentido para a vida. Repete o gesto da criação que, segundo o mito de Prometeu, acabou com o homem destituído de todas as outras qualidades que já tinham sido entregues pelos deuses aos bichos (a coragem, a força, a rapidez, a sagacidade, etc..). Ficou apenas com o fogo húbrico dos deuses, mas com a superioridade intelectual assegurada sobre todos os outros animais.

Está também a treinar aquilo a que Henri Bergson, outro filósofo moderno, chamou "o mecanismo cinematográfico do pensamento". No ensaio com o mesmo nome, defende que "seja matéria ou espírito, a realidade apareceu-nos como um perpétuo devir. Ela faz-se ou desfaz-se, mas nunca é algo feito".

Como uma nuvem, o real não tem forma. A frágil percepção dos homens não é capaz de pensar o devir, aquilo que não pára quieto. Só trabalha com formas estáveis, congeladas. Com fotogramas de real arrancados para fora do tempo e postos quietos como insectos com alfinetes nas patas. E é porque a nossa percepção é frágil que o mistério das nuvens e do pensamento continua intacto. Porque a gente

precisa que as coisas fiquem quietas para as conseguir perceber, como historiadores precisam que os reis morram para que se percebam as histórias que deixaram por contar.

Stieglitz usou a maior parte do texto em que explica por que acabou a fotografar nuvens para refutar acusações de que o poder dos seus retratos resultava do facto de hipnotizar as modelos. De resto, foi suficientemente ambíguo em relação ao sentido que atribuía às Equivalents. Nunca foi tão longe e tão poético como quando disse apenas que gostaria de ter sido capaz de expressar "the full ... feeling of today." Não é preciso arriscar muito na interpretação para acreditar que o programa do fotógrafo passou também pelas correspondências

modernistas entre visível e invisível e pela ideia de corte como projecto moderno por excelência. Para os modernistas, uma coisa é outra coisa e nenhuma delas se pode chamar pelos nomes, porque se podem assustar.

Por falar em coisas que são outras coisas, a intuição de Stieglitz, essa nuvem informe, talvez fosse a mesma que, muito antes, no verão de 1816, se instalou sobre o Lago de Genebra em virtude da erupção do vulcão Tambora, na Indonésia. Calhou muito mal a Percey e Mary Shelley e a Lord Byron, que, à procura de bom tempo e inspiração, ali se vinham instalar na Villa Diodoti, onde John Milton, autor do Paraíso Perdido, teria passeado no século XVII.

A trovoadas e as chuvas torrenciais

confinaram a pandilha ao convívio dentro de portas e, numa dessas noites, debaixo de um capacete de breu, leu-se "Fantasmagoriana", uma colecção germânica de histórias de fantasmas, o que inspirou Byron a desafiar todos os presentes a escrever uma história de terror. Consta que Percey não escreveu nada de jeito e que o Lorde produziu apenas um fragmento, mas John Polidori, o médico de Byron, escreveu "The Vampyre", o primeiro conto de vampiros moderno e ... esperem um pouco, deixem a nuvem passar ... Mary Shelley teve um pesadelo que resultou, um ano depois, na publicação (aos 19 anos) de "Frankenstein: O Moderno Prometeu".

As nuvens são só a gente a pensar.

aquela nuvem sobre loch ness

Aquela nuvem experimentou quarenta e oito horas de uma vida ordeira e sem excessos e, de repente, cegou.

Nada o fazia prever, como ignorar a escuridão

Que agora a envolvia? Nenhum flamingo lhe viera furar a íris

Nenhum avião esbarrara no seu bojo, naquela parte de cinzas

Enclavinadas em penas de anjo e a que outra nuvem mais velha

Chamara: Um magnífico campo de cebolas.

A nuvem limitava-se a cismar

No inexplicável hábito de alguns se quererem rebolar no chão

Como animais e, num turning point, uma cortina

De água reduziu a estilhas a sua visão,

Enquanto se sentia cair numa sonoridade metálica.

Não encarou a coisa com brio e bom humor, temia

Espatifar-se contra um viveiro de espadas.

Felizmente caiu no lago de Loch Ness.

Poderia agora dormir, o monstro velaria

A mosca vede dos seus sonhos e intuícia

Finalmente o que todos silenciam:

Pressa se chama, o vento que derruba os andaimes.

ANTÓNIO CABRITA

雲 = nuvem
Yún

Quando a embriaguês te inspira / os Imortais inclinam-se das nuvens para te escutar

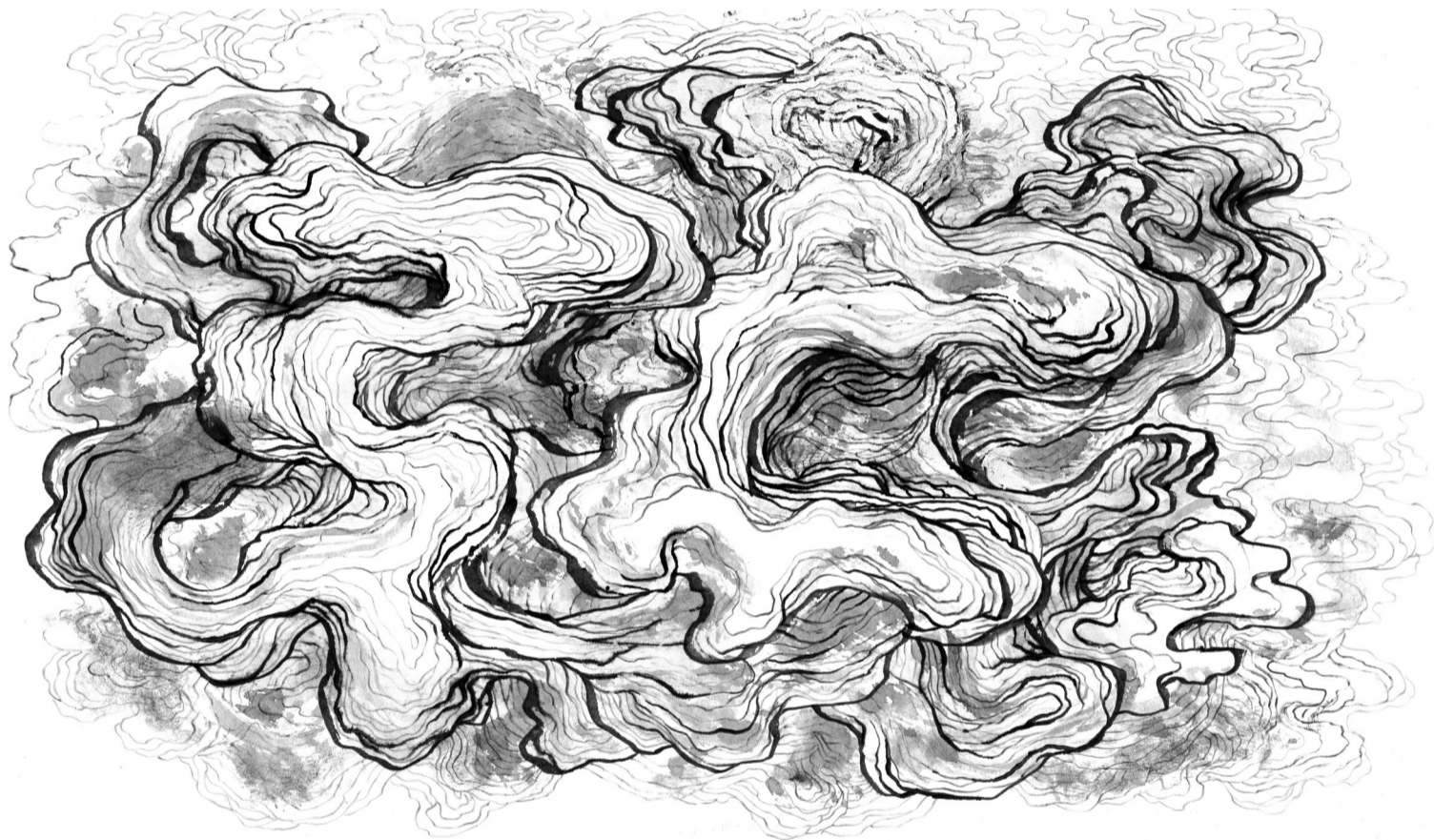
Du Fu / António Graça de Abreu

Os homens do nosso tempo procuram a estrada das nuvens
A estrada das nuvens é sombria silenciosa sem marcas
As altas montanhas são perigosas e escarpadas
Nos largos vales são raros os tinidos
Há verdes picos de todos os lados
Nuvens brancas tanto a oeste como a leste
Quereis saber onde se encontra a estrada das nuvens?
A estrada das nuvens é o vazio

Han Shan / Ana Hatherly

Ao entardecer as nuvens espalham-se como seda colorida,
o rio tranquilo é um imenso tecido branco.
Inclinam-se as folhas, a geada caiu em abundância,
são espessas as nuvens, recortam a montanha no horizonte.
Os peixes brincam, estremecem os nenúfares,
As aves voam, fazem cair as flores.

Xie Tiao / António Ramos Rosa



Vem beber um copo e descansar,
os homens mudam sempre, como as ondas do mar.
Nós dois temos envelhecido juntos,
Apesar dos reveses, continuamos vivos.
O primeiro a habitar uma casa de portões escarlates
pode sorrir, ao olhar os outros de chapéu na mão.
Tu sabes, basta um pouco de chuva
para reverdecer a erva dos caminhos.
O vento da Primavera é ainda frio
mas os botões das flores quase desabrocham.
Porquê tanta pergunta, tanta luta,
os negócios do mundo, as nuvens flutuantes?
Descansa, deixa fluir a vida,
e vem jantar comigo.

Wang Wei / António Graça de Abreu

As nuvens brancas
As brancas nuvens pairam sobre Chiu e Chu,
As brancas nuvens vão contigo sempre.
Estão contigo em Chiu, e estão contigo em Chu,
As brancas nuvens vão para onde fores.
Cruzam aflantes sobre o rio Hsiang.
Dormindo, as brancas nuvens são teu leito.
Se acordas, brancas nuvens são teu lar.

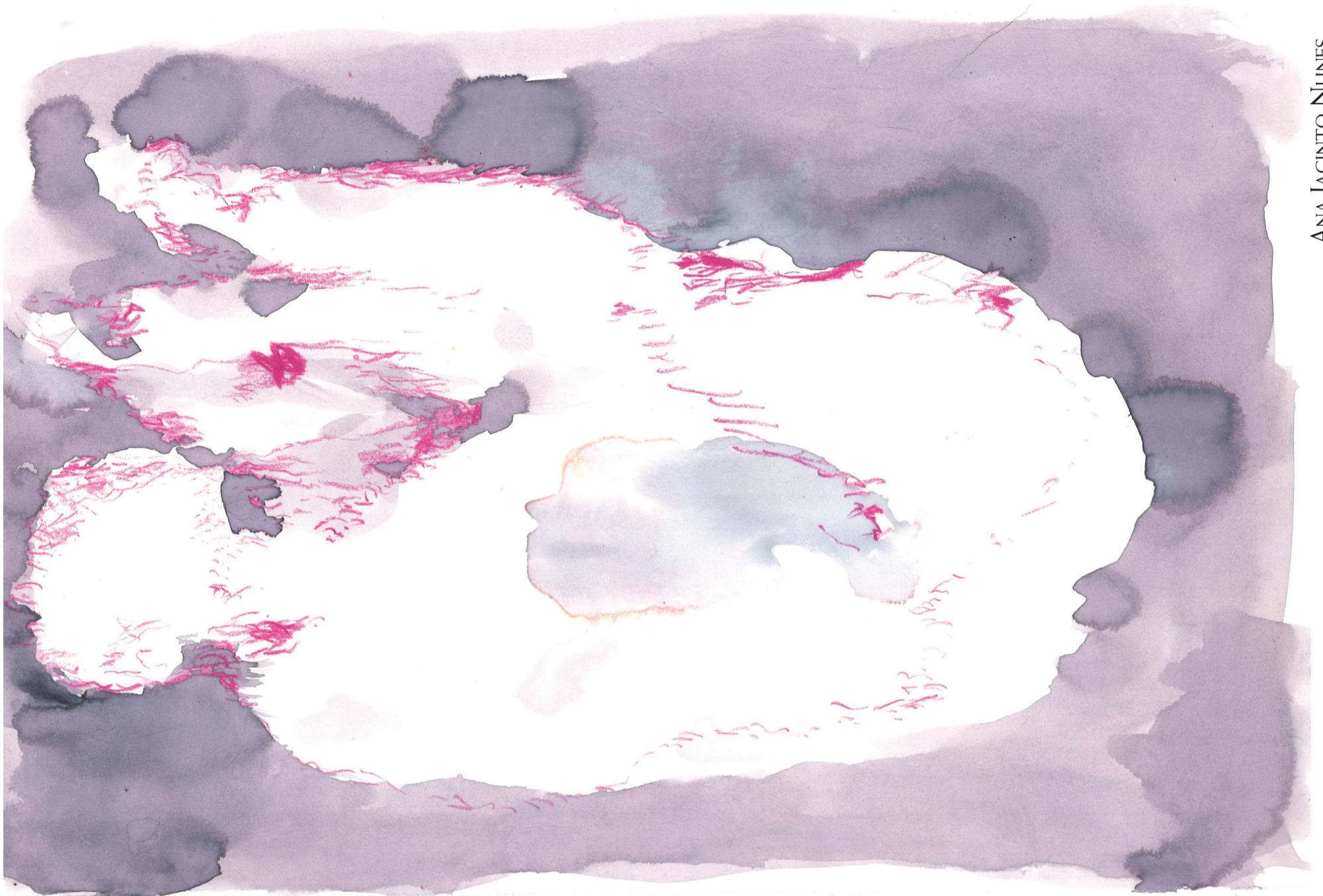
Vendo o peixe, compro vinho,
ébrio de corpo, sóbrio de espírito,
ao som da flauta, afasto toda a inquietude.
Vivo por detrás das nuvens,
só as gaivotas do rio me conhecem.

Li Bai / Jorge de Sena

Lu You / António Graça de Abreu

Receio apenas o fim das canções e das danças / que se apagam como nuvens cor-de-rosa.

Li Bai / Cecília Meireles



ANA JACINTO NUNES

..... e Moisés subiu à montanha, a nuvem cobriu a montanha e envolveu-o durante seis dias. Ao sétimo, e sempre no meio da nuvem o Senhor chamou a Moisés; depois entrou na nuvem e subiu à montanha e ali permaneceu durante quarenta dias e quarenta noites.

Aqui, tempo natural, sonhamos a nuvem da fresca passagem. Navegamos na estrela lunar, nossa nuvem não é lar, é vento, níveo álamo, mar, e Juno passa-lhe à frente para com ela dançar.

E a nuvem noivando vai acompanhando as longas noites de amor.

De nada serve à viagem causa alheia ao navegar - causa de ser em outros prisão e sofrimento – pois nada serve ao ser cativo cantar o próprio tempo. Liberdade que aguarda ainda a dureza do cimento.

Mas tu que sabes, procuras – constróis – sabeis que para além das sepulturas ainda vamos estar os dois. Levando a nuvem que vai, trazendo a terra que vem, sabendo da mão incerta do silêncio que a mantém.

E dos ares chegam agora gases estranhos, rectas riscam os céus, e a nuvem do Senhor já não é macia nem se evolam mais os filhos seus. Mais tarde trará a chuva, e o deserto fica em flor, os olhos miragem de lágrimas, lembrar-se-ão então deste estranho amor.

Se subirdes vezes várias a condição não se perde, subir e descer as escadas que a montanha é crescer... Passar a nuvem e andar, saber do nevoeiro e do mar, e deles ficar lavado da terra densa, suada. Depois partir as estátuas, quebrar as tábuas, e não vacilar, que as vozes se fazem altas para a grande Nuvem Solar.

AMÉLIA VIEIRA

A POESIA CHINESA CONTEMPORÂNEA E AS
RELAÇÕES COM A LITERATURA PORTUGUESA

na nuvem
do poema



CARLOS PICASSINOS

DE que falamos quando escrevemos literatura? E, concretamente, literatura chinesa? E ainda mais micro, poesia chinesa? Que relações mantêm os poetas chineses de agora com os seus congêneres de língua portuguesa?

É um universo relativamente obscuro, ainda, o da produção poética chinesa contemporânea. Pela contingência da língua, pelas condições materiais e políticas do contexto chinês, mas também pela especificidade do género. Se no primeiro encontro de poetas chineses e portugueses, em Macau, em 2006, era evidente o efeito de uma certa diáspora poética estabelecida em Nova Iorque, ou em cidades do Canadá, na visibilidade da sua escrita, estes anos passados, os poetas que estiveram esta semana na UMAC celebrando os dez anos da Revista de Poesia Sino-Occidental parecem ter expresso menos essa ideia de diáspora, ou de refúgio, e mais uma preocupação de estabelecer pontes a partir da pátria-mãe, ou no caso de Taiwan, manter a abertura que sempre caracterizou o mundo editorial formosino. Ainda que, neste caso, essa ligação se tenha materializado mais com o mundo anglo-saxónico ou com literaturas, comercialmente, mais poderosas que a portuguesa.

Entre os poetas continentais a palavra em português não é, de todo, desconhecida. Graças aos esforços de publicações, de universidades, ao mérito de encontros e de revistas como a aniversariante, e ao empenho de tradutores como Yao Jingming, a produção literária do português europeu conseguiu seduzir e, mesmo, influenciar alguma escrita e imaginários, em Cantão como em Pequim.

TRINDADE PROFÉTICA

Os embaixadores literários estão bem identificados - escassos, efeitos de marketing cultural, certamente, mas, ao mesmo tempo, construtores da imagem de um Portugal contemporâneo além Camões ou Sá de Miranda, do messianismo profético de António Vieira, ou das variantes simbolistas de Wenceslau e Pessanha. Trata-se de uma trindade pagã: Pessoa, porque universal, Saramago enquanto nobel, e Eugénio de Andrade, uma identificação espiritual e poética, que a tradução de "Branco no Branco" consagrou entre os literati chineses.

Huang Lihai, editor da revista "Poesia e Pessoas", de Cantão, estebece, desde logo, o cânone português na China. "Existe uma grande influência da poesia portuguesa junto do poetas chineses. Em especial, atrevo-me a dizer, Fernando Pessoa. Mas não só. Para além de Pessoa, claro que Saramago e depois, muito, Eugénio de Andrade. Penso que este três foram os que mais conseguiram sensibilizar o grande público ou ter mais leitores na China".

Primeiro, o último. Eugénio ou, como dizem, Andrade. Aos leitores do poeta de "As Mãos e os Frutos" não é difícil compreender as afinidades que o vinculam ao naturalismo e à inquietação transcendental comum a

Uma trindade pagã:
Pessoa, porque
universal, Saramago
enquanto nobel, e
Eugénio de Andrade,
uma identificação
espiritual e poética,
que a tradução de
"Branco no Branco"
consagrou entre a
comunidade poética
chinesa.

vária poesia chinesa contemporânea. Li Bai (701-762) é a referência. Surge explícita no poema "A chuva cai na poeira como no poema de Li Bai" de "Branco no Branco":

*A chuva cai na poeira como no poema/
de Li Bai. No sul/
os dias têm olhos grandes/
e redondos;/
no sul o trigo ondula,/
as suas crinas dançam no vento/
são a bandeira/
desfraldada da minha embarcação;/*

[...]

É esta produção de imagens, "a atenção que dedica à natureza, ao minúsculo, às coisas pequenas que passam despercebidas à generalidade das pessoas, ao que é vulgar e que, aparentemente, não teria dignidade para aparecer num poema", identifica Huang. "E, no entanto, essa atenção cativou os poetas chineses porque, em substância, existe esse interesse comum pelo pequeno, embora a estrutura da sua escrita seja outra, embora a maneira como escrevemos não seja exactamente a mesma de Eugénio de Andrade". Daí a prevalência de Pessoa, o ortónimo. Pessoa. Não os heterónimos. Pessoa do desassossego. Bernardo Soares, portanto. "Os poetas do continente preferem mais esse Pessoa da prosa do que o da poesia, isto porque a sua escrita radica numa reflexão muito pertinente sobre a condição humana, sobre as experiências mais singulares das pessoas. Mas também", acrescenta ainda o poeta e editor de Cantão "pelo efeito de estranhamento que a sua escrita provoca nos leitores, e isso por contaditório que parece é um sentimento que os escritores chineses reconhecem, esse estranhamento".

TAIWAN, JANGADA DE PEDRA

Oriundo de Pequim, o romancista Qiu Huadong, coleccionador de romances portugueses, e cinéfilo de Manuel de Oliveira, não hesita em falar de Saramago. E do nobel, o que escolhe? O pré-nobel, a metáfora política da "Jangada de Pedra", a Ibéria flutuante. Qiu leu o livro, "metade em chinês e a outra metade em inglês". "A imaginação de Saramago é aguda e a metáfora da Jangada de Pedra é, simplesmente, fabu-

“Os poetas do continente preferem mais esse Pessoa da prosa do que o da poesia, isto porque a sua escrita radica numa reflexão muito pertinente sobre a condição humana, sobre as experiências mais singulares das pessoas”, observa Huang Lihai

losa. Imagine-se a Austrália rumo ao continente euro-asiático? Ou se fosse Taiwan!”. Não é preciso um grande esforço. Em Taiwan, a realidade antecipou-se à ficção, em pelos menos três décadas. A Formosa é um jangada de pedra vagando nos mares da China sem destino ainda nenhum. Daqui a sua força e o seu privilégio. “Taiwan tem um historial de tradução de cerca de cem anos”, começa por exeplicar Yan Ailin, editora há mais de vinte anos, em Taipé. “Antes de 1949, e da criação da República Popular da China, muitos intelectuais que tinham vivido fora da ilha dedicaram-se à tradução de inúmeros ensaios, romances, livros de poesia estrangeiros. Depois de 1949, a tradução continuou a cargos de intelectuais que ali residiam ou que ali se refugiaram, entre os quais, se destacou Yu Guangzhong, por exemplo, que também ficou conhecido por traduzir as letras das músicas de Bob Dylan”. Essa abertura não passou, evidentemente, pela China continental, a braços com uma destravada Revolução Cultural que comprometeu qualquer abertura ao mundo. Ao contrário, no refúgio nacionalista, por necessidade de sobrevivência política, a estratégia cultural dependia grandemente dos vínculos com o mundo ocidental, e em particular, com os Estados Unidos. “Houve, nesse aspecto, uma imensa abertura” e

permeabilidade, sublinha Yan. “As letras do movimento hippie eram conhecidas de todos graças áqueles intelectuais que, nos anos sessenta, estavam entre os trinta e tal e os cinquenta anos” e que mantinham contactos no exterior, “o que não acontecia no continente, como é sabido, quando a China estava a passar pela Revolução Cultural maoísta e era um país, absolutamente, fechado”.

A PRINCESA E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Herdeiro dessa história de sangue e lágrimas, a cultura política no continente ainda não extirpou os fantasmas do autoritarismo e junto da comunidade de poetas, escritores, pedagogos, intelectuais, a questão dos direitos civis e, particularmente, do direito à liberdade de expressão é ainda a ervilha na cama da princesa. O problema “não é tanto falar. Podemos falar à vontade. O problema é quando publicamos aquilo que não deve ser publicado, do ponto de vista do governo”, assinala, de novo, Huang Lihai. “Mas quer dizer, não há propriamente um regime concreto de censura. Só que toda a gente sabe até onde pode ir e o ponto que não pode ultrapassar. As regras são invisíveis mas estão lá e domina mais uma atitude de auto-censura, particularmente em questões políticas, claro, mas também religiosas e culturais porque estas são também políticas”. Daí a relevância destas reuniões, como as que a Revista de Poesia Sino-Occidental, organizou esta semana, ou como a própria existência de uma publicação charneira desta natureza. Ou, como os encontros de poetas chineses e portugueses, nota, por sua vez, o romancista de Pequim. “Tudo é muito importante porque nos permite trocar conhecimentos e experiências, especialmente, entre os escritores de Taiwan, de Hong Kong, de Macau e do continente. É importante que estas partilhas se façam”. Mas ainda que não haja publicação, existe uma memória futura para quem, nota Huang Lihai, há hoje muita gente a escrever. “Não publicam mas guardam na gaveta à espera dos leitores que vêm”.



Huang Lihai e Yao

No sexto dia do sexto mês, no Porto sobre o rio, onde as nuvens voam o tempo desse dia detém os seus passos o ouvido desse dia inclina-se ao rumor em direcção do paraíso. Nesse dia, você é um homem mais tranquilo.

No sexto dia do sexto mês, no Porto um cavalo guiado pelas palavras ou uma rédea da transparência levou a brisa nocturna e o prado mas arraigou o aroma de milhares de plantas. Nesse dia, com aroma todas as coisas adormecem e nos ramos da eternidade desabrocham os segredos.

No sexto dia do sexto mês, no Porto apenas você está acordado, como um velhote a murmurar ao ver que os pinheiros saem pela porta do Verão ou que um esquilo se aproxima gritando Os amantes cantam pisando os raios da lua o que, para si, já é um apelo do silêncio.

No sexto dia do sexto mês, no Porto onde as cartas não chegam, onde não há cinzas apenas a chama, chama a arder apenas a solidão transformada no mar apenas uma memória a ser cristalizada apenas um gesto calado, fixo numa homenagem eterna

No sexto dia do sexto mês, no Porto um jovem chinês está a avistar o paraíso quando a terra recua dos flancos do prado Um cavalo cansado, após ter percorrido a Ásia a África, a América, a Europa e todas as paragens da terra chega finalmente à sua casa própria.

Autor: Huang Lihai
Tradução: Yao Jingming





FERNANDO MARTINS

na mansão de um alto funcionário

ZHENG BANQIAO (1693-1765)

Atravessando as nuvens, a música e as canções já foram para longe,
Sob o brilho das estrelas da manhã, tremeluzem velas,
Sobre espessas camas de flores, a noite persistente.
Pavilhões de andares de telhas erguem-se frios e impassíveis no
solitário do amanhecer,
Peónias escondidas no seu sono leve
E papagaios ainda por despertar.
Ao lado de ramos como alabardas e à sombra das acácias japonesas,
Já ai estiveram, em ordeiras fileiras, tantos aspirantes aos mais altos
cargos.
Até que, de súbito, a névoa dispersa e as nuvens ficam muito finas.
Durante muito tempo ninguém virá.
E inesperadamente apercebes-te do piar das andorinhas que estão a
levar embora a Primavera,
E os cisnes selvagens vêm trazendo o Outono,
Chega o gelo tão depressa e vem a neve, ligeira, logo a seguir.
Quantas famílias, então, se escondem do frio cruel!
Até que se imponha de novo a mensagem das flores de ameixoeira.
Como não admirar as contínuas mudanças da fortuna que o Céu
nos traz?
Não há uma família, nas suas mais firmes resoluções, que lhes
escape.
Deixai-os fazer em suas casas inscrições em ferro, gravações em
arabescos de bronze...
No final esboroar-se-ão como migalhas de um bolo.

(TRADUÇÃO: PAULO MAIA E CARMO)

a última nuvem

A prazo o céu estará azul. Morto. Sem nuvens que nos hipnotizem o olhar. Sem emoções.



MANUEL SAN PAYO

FERNANDO SOBRAL

E se as nuvens acabassem? Não é uma impossibilidade. Não está escrito nas cartas visíveis de um oráculo invisível. É um segredo negro que alguns cientistas desvendaram há uns meses como uma inevitabilidade num futuro não muito longínquo. O aquecimento global pode fazer desaparecer aqueles fantasmas que voam ao sabor do vento ou, talvez, guiados por valquírias nómadas. Não gostaria de ver a última nuvem. Nem estar a invocar os espíritos da terra e de todos os nossos antepassados, numa derradeira dança da chuva para que a última nuvem nos doasse algumas gotas de água para assegurar a fartura da colheita. Não desejaria que a última nuvem nos trouxesse chuva púrpura, como na canção de Prince, ou gotas ácidas. Nem que as nuvens se tornassem virtuais, sonhos de um mundo sem realidades. Sem nuvens não há chuva. E se esta corta a linha da vida, o círculo das estações, a nossa noção do Bem e do Mal, do branco e do preto. As nuvens nascem

da evaporação da água dos oceanos, dos lagos e dos rios. E esta é-nos devolvida em forma de chuva, num equilíbrio de comunhão, de dádiva perfeita. Sem as nuvens não existiriam a neve, os relâmpagos, ou o arco-íris. Esta terra seria imperfeita, feia e sem sentido. Sem elas olhar para o Céu seria um imenso bocejo: este seria sempre azul.

Há quem veja nas nuvens negras o sinal do apocalipse, porque elas bloqueiam o sol, cortando a iluminação divina. Mas essa é a terrível necessidade de dividir o mundo em branco e negro, algo que volta a ser uma ideologia concentraria nestes dias tempestuosos que nos cercam. Lembro-me de um velho conto de Philip K. Dick, de 1953, de nome "Martians Come in Clouds". É a história de uma espécie extraterrestre que chega a um subúrbio de uma cidade americana, como refugiados de uma catástrofe ecológica no seu planeta natal. São confrontados por locais indiferentes à sua sorte e xenófobos, que usam toda a violência para matar os que encontram pela frente. A violência utilizada contra os extra-

terrestres transforma-se numa espécie de orgulho. Os mais novos são ensinados a não ter simpatia nem remorso pelo destino desses estranhos. Philip K. Dick escrevia num tempo em que as comunidades suburbanas dos Estados Unidos se uniam contra os esforços de integração. Hoje os marcianos são outros. Movem-se ao sabor do mesmo vento que faz correr as nuvens. Diz-se agora que, como as nuvens negras, os "outros" trazem má sorte.

Nada é um acaso. Neste mundo individual em que deixaram de ser necessárias nuvens para que cada um viva por si, como uma única nuvem sem necessidade dos outros (ou até contra eles), vai-se quebrando o ciclo da natureza. A prazo o céu estará azul. Morto. Sem nuvens que nos hipnotizem o olhar. Sem emoções. E aí só uma última dança da chuva nos poderá nos poderá ressuscitar. Até que a chuva nos redima, ou nos puna, como em "Blade Runner", quando o replicante Roy Batty diz: "If only you could see what I've seen, through your eyes".

hojemacau



IRREVERENTE

www.hojemacau.com.mo